

FUNDAMENTAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR ATRAVÉS DO MAPA INTEGRAL E DO YOGA

Thiago Felipe Sebben¹

RESUMO

As premissas dessa pesquisa são as seguintes: (1) a visão integral é um mapa capaz de ampliar nosso nível de consciência e auxiliar no desenvolvimento humano e na proliferação de valores que promovam a vida; (2) de que a educação é a forma consagrada em nossa sociedade para transmissão dos mapas de navegação da realidade e (3) de que o Yoga é um conteúdo da cultura corporal capaz de transmitir a visão holográfica da vida. Desse modo, o objetivo geral da pesquisa foi fundamentar uma perspectiva de educação transdisciplinar a partir do Mapa Integral e do conhecimento da cultura corporal do Yoga no micro contexto social escolar das crianças de 4 a 8 anos. Os objetivos específicos foram: apontar os cinco elementos do Mapa Integral, identificar as potencialidades das crianças com idade entre 4 e 8 anos e estruturar uma estratégia pedagógica transdisciplinar para compartilhar conhecimentos com as crianças, através do método do Yoga pedagógico. Concluiu-se que o Mapa Integral e o Yoga são grandes instrumentos para se trabalhar e compreender o ser-humano em sua totalidade, pois dá conta dos três pilares básicos da transdisciplinaridade expostos por Nicolescu. É claro que muita coisa ainda precisa ser revista dentro da educação, entretanto, espera-se que a fundamentação aqui proposta inspire educadores e educadoras de todo o mundo, nessa labuta diária de transmissão dos mapas que estimulam a perpetuação da vida no nosso planeta, de modo sustentável, pacífico, cooperativo e justo.

PALAVRAS-CHAVE: Transdisciplinaridade, Mapa Integral e Yoga.

ABSTRACT

The assumptions of the present research are: (1) the integral vision is a map able to expand our level of awareness and assist in the development and proliferation of human values that promote life, (2) that education is the established way in our society for transmission of navigation maps of reality and (3) that the content of Yoga is a body culture able to transmit holographic view of life. Thus, the general goal of the research was to substantiate a transdisciplinary perspective of education from the Integral Map and knowledge of body culture of Yoga in micro social context of school children 4-8 years. The specific objectives were: to point out the five elements of the Integral Map, identify the potential of children aged between 4 and 8 years and structuring a pedagogical strategy transdisciplinary knowledge to share with the children, through the method of Pedagogical Yoga. It was concluded that the Integral Map and the Yoga are great tools to work with and understand the human race in its entirety, because it gives account of the three pillars of transdisciplinarity exposed by Nicolescu. It is clear that much still needs to be reviewed within education, however, it is expected that the reasons proposed here inspire educators from around the world, this daily toil transmission of maps that encourage the perpetuation of life on our planet, in a sustainable, peaceful, cooperative and fair way.

KEY-WORDS: Transdisciplinarity, Integral Map and Yoga.

¹ Professor Especialista em Educação e Valores Humanos (UNIBEM, 2012) e Licenciado Pleno em Educação Física (UP, 2007). Professor da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura de Curitiba. E-mail: podemanda84@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Vários autores identificam crises e problemas que justificam preocupação com o futuro². “Esses autores mostram que, se mantidas as concepções vigentes de civilização e globalização, bem como os paradigmas éticos e científicos que as sustentam, crises e problemas dificilmente serão resolvidos” (CORREIA, 2010, p. 15). Esse cenário é resultado do mapa que a sociedade escolheu para construir suas relações ambientais, econômicas, culturais, comportamentais e, o mais essencial: sua relação consigo mesmo. O mapa que a sociedade escolheu, para navegar no território que é a jornada humana no planeta Terra, está atuando de maneira negativa no fenômeno da vida, sendo responsável por sua destruição.

Esse é o mapa da exploração dos recursos naturais, da visão materialista-dualista da realidade, da destruição da natureza, do capitalismo monopolista financeiro, dos conflitos culturais, dos comportamentos violentos e, no mais íntimo do ser-humano, uma certa revolta pela desigualdade social que somos alçados diariamente nas ruas das grandes metrópoles, principalmente nós, que vivemos no Brasil.

Nesse cenário, podemos simplesmente assistir inertes à autodestruição da humanidade e morreremos juntamente com nosso semelhantes. Ou então podemos tentar cultivar a esperança, alterando nosso mapa, fazendo com que ele seja diferente do mapa que a sociedade escolheu e, a partir dessa nova escolha, ajudando o próximo a também transformar e ampliar sua percepção da realidade.

Gregory Bateson explica como um mapa surge em nossa mente, afirmando que quando falamos da realidade estamos desenhando um mapa que é fruto da nossa percepção. Ken Wilber coloca que “nas últimas décadas, vem de fato ocorrendo uma ampla procura por um mapa que seja capaz de abarcar todos os potenciais humanos” (2008, p. 16).

Mas ele vai além dessa constatação, pois coloca algumas questões que balizam a criação desse mapa:

O que aconteceria se [...] tentássemos encontrar as chaves realmente imprescindíveis ao desenvolvimento humano, com base na soma total do conhecimento humano que temos hoje a nossa disposição? E se tentássemos [...] fazer uso de todas as grandes tradições do mundo para criar um mapa complexo e inclusivo, um mapa todo abrangente ou *integral*, que abarcasse os melhores elementos de cada uma delas? (2008, p. 16).

As vantagens de se utilizar o mapa integral é que ele pode ser usado para “ajudar a indexar qualquer atividade – desde artes, dança, negócios, psicologia e política até ecologia e espiritualidade” (WILBER, 2008, p. 19), possibilitando cada um desses domínios comunicar-se com os outros³. Trata-se de uma abordagem transdisciplinar por excelência. Outras vantagens do mapa integral são

Em primeiro lugar o fato de que, qualquer que seja sua área de atuação [...], o mapa integral é uma garantia de que você está tocando “todas as bases”. Em segundo lugar o fato de que, se você aprender a localizar os cinco elementos que compõem o mapa, poderá mais facilmente valorizá-los, exercitá-los, usá-los... e, com isso, acelerar imensamente seu próprio crescimento e desenvolvimento rumo a níveis mais elevados, mais amplos e profundos de ser (2008, p. 17).

2 Conforme Correia (2010, p. 15): Capra (1982 e 2001), Boff (2000), Santos (2001) e Russel (1992).

3 <http://www.humanitatis.com/Trabalhos/KenWilber-monografia-UMANITATIS.pdf> (Monteiro et all, 2009, acessado em 15/01/2013).

No entanto, assim como Bateson, Wilber nos alerta para um detalhe importante: o mapa não é o território. Desse modo, é importante ter claro desde o início que o Mapa Integral é apenas um mapa, “mas é o mapa mais completo e preciso de que dispomos hoje” (Wilber, 2008, p. 18).

Mas é Jaques Delors, no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI⁴, quem aponta a Educação como responsável pelo fornecimento do mapa “de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (1997, p. 89).

Para tanto, faz-se necessário um projeto educacional transformador, transdisciplinar e transpessoal. Transformador por considerar conceitos do paradigma científico holográfico (como a causação descendente, proposta por Amit Goswami, e os princípios quânticos), superando o paradigma científico materialista-dualista; transdisciplinar pois pretende transbordar as fronteiras entre os campos do conhecimento, estando “ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (NICOLESCU, 2001, p. 51); e transpessoal pois compreende a elevação da humanidade a uma nova camada da consciência, uma camada de nível mais elevado e amplo, através da utilização do Mapa Integral. Trata-se de uma ferramenta conceitual capaz de transdisciplinar o conhecimento, interligá-lo, conectá-lo.

A transdisciplinaridade se pauta por três pilares: os níveis de Realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade, indicados por Nicolescu, e que esta “se interessa pela dinâmica gerada pela acção de vários níveis de Realidade ao mesmo tempo.” (NICOLESCU, 2001, p. 52). O conhecimento da realidade passa por uma estrutura complexa, exigindo uma pesquisa que permita considerar os diversos níveis de percepção do ser. É nesse ponto que entra o mapa integral.

Um projeto educacional ousado como esse, deve considerar que a função social da escola é favorecer o desenvolvimento máximo das potencialidades de cada ser-humano. Para isso acontecer, valores precisam ser tencionados, instituições sociais precisam ser ajustadas, um novo tipo de paradigma científico e humano precisa ser praticado. Essas são algumas bandeiras que estão presentes nesse estudo e que, como professor, julgo importantes de serem cravadas, pois senão corremos o risco de fazer uma educação utilitarista, tecnicista, apolítica e “bancária” (conforme dizia Paulo Freire⁵), uma educação que forma desde operadores de máquina alienados até operadores de sistemas que visam alienar⁶. Tem-se que praticar, sobretudo, uma educação libertária. Para isso, não adianta focar a educação na formação de sujeitos que tenham intenções pré-moldadas, comportamentos robotizados, acesso a cultura limitado e nível social permanente. Esse ser-humano será previsível e de fácil manipulação social, manifestando-se incapaz de formular convicções e tomar decisões genuínas e autônomas perante os problemas percebidos por sua consciência.

Deve-se formar o oposto disso, ou seja, um ser-humano que seja capaz de tomar consciência de si, perceber suas conexões sociais, alinhar-se com as forças da natureza, conectar-se com o todo e cocriar a realidade de maneira harmônica, equilibrada, justa, pacífica e amorosa. Considera-se, aqui, a existência de um nível de consciência mais elevado, uma supra consciência. Uma consciência de um sujeito que tenha se iluminado,

4 Relatório completo em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf

5 “Que deforma a necessária criatividade do educando e do educador” (Freire, 1996, p. 25).

6 Paulo Freire defende que o educando, mesmo sendo “vítima” da prática pedagógica “bancarista”, pode sim dar a volta por cima e manter-se criativo nesse ambiente desfavorável. Para isso ele diz que é necessário que “o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia, que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se (...) de certa forma o ‘imuniza’ contra o poder apassivador do ‘bancarismo’” (ibidem).

que já sabe o que é, já sabe qual sua missão/o que está fazendo aqui, já sabe ser um agente cultural, já sabe transformar os sistemas sociais através dos valores humanos, enfim, um sujeito que já é uno com o todo e, sendo assim, pode ser o que desejar através da sua vibração energética do seu “self”.

Aproximando essa problemática do micro contexto social ao qual estou inserido, especificamente na função de professor de Educação Física (EDF) para crianças de 4 a 8 anos de uma escola da Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC), o problema parece ser como contribuir com o aumento do nível de desenvolvimento humano dessas crianças através da prática pedagógica da EDF. É fato que essa área do conhecimento humano possui diversos conteúdos – culturas corporais – para serem conhecidos, mas também é fato que necessitamos de uma metodologia que seja capaz integrar o conhecimento específico da EDF aos outros saberes escolares, de modo a praticar uma educação transdisciplinar e também para formar o indivíduo de maneira integral, holística e plena, já inserindo esse indivíduo num outro paradigma para gerar relações amorosas, pacíficas, verdadeiras e corretas.

O Yoga surge como o conteúdo da cultura corporal que mais se relaciona a uma perspectiva holográfica⁷ da vida, visto que sua prática objetiva a vivência de um estado ampliado de consciência, conhecido como *samadhi*. Esse estado de consciência é caracterizado pelo testemunho absoluto do presente, sem julgamento da realidade experimentada. Também é chamado de estado de iluminação, satori, nirvana, consciência cósmica, enfim, recebe uma série de nomenclaturas de acordo com a cultura que o nomeia.

Na perspectiva do Yoga pedagógico encontra-se diversas ferramentas didáticas que possuem como objetivo ampliar o desenvolvimento das potencialidades humanas. Uma didática como essa deve ser adotada na formulação de um projeto educacional transformador, transdisciplinar e transpessoal, que é o que queremos nessa pesquisa.

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é fundamentar uma perspectiva de educação transdisciplinar a partir do Mapa Integral e do conhecimento da cultura corporal do Yoga no micro contexto social escolar das crianças de 4 a 8 anos. Os objetivos específicos são: apontar os cinco elementos do Mapa Integral, identificar as potencialidades das crianças com idade entre 4 e 8 anos e estruturar uma estratégia pedagógica transdisciplinar para compartilhar conhecimentos com as crianças, através do método do Yoga pedagógico.

Essa contribuição é, vale a pena lembrar, no sentido de preservar e multiplicar a vida no universo. Ajudar na formação de massa crítica para a transformação do modus operandi da humanidade sobre o planeta é o grande motivo dessa pesquisa. Auxiliar no desenvolvimento e aprimoramento da consciência das crianças, visando completar a escala da consciência humana que nosso aparato físico parece permitir: (1) Egocêntrica - os indivíduos se preocupam apenas com seus próprios interesses; (2) Etnocêntrica – os indivíduos já enxergam interesses coletivos, valores morais; (3) Mundicêntrica - os indivíduos possuem a consciência ambiental, sustentável; e (4) Cósmica - o indivíduo se tornou uno com o todo.

METODOLOGIA

Essa pesquisa caracteriza-se por ser uma revisão bibliográfica. Como tal, pretende reunir informações sobre determinado objeto, a partir da obra de variados autores (AZEVEDO, 1996). Trata-se de uma análise crítica, meticulosa e ampla das publicações

7 Essa perspectiva adota a premissa de que “o todo está na parte assim como a parte está no todo”.

correntes em uma determinada área do conhecimento⁸.

As premissas que configuram a presente pesquisa são as seguintes: (1) a visão integral é um mapa capaz de ampliar nosso nível de consciência e auxiliar no desenvolvimento humano e na proliferação de valores que promovam a vida; (2) de que a educação é a forma consagrada em nossa sociedade para transmissão dos mapas de navegação da realidade e (3) de que o Yoga é um conteúdo da cultura corporal capaz de transmitir a visão holográfica da vida.

Para apontar os elementos fundamentais do Mapa Integral, pretende-se analisar a obra de Ken Wilber, criador dessa visão, bem como obras relacionadas à Educação Integral. Para mapear o nível de desenvolvimento humano em que as crianças de 4 a 8 anos provavelmente se encontram, pretende-se estudar alguns autores especializados em desenvolvimento infantil, bem como utilizar o Mapa Integral para fazer o levantamento das potencialidades latentes das crianças. Para estruturar uma proposta pedagógica baseada na prática do Yoga e nas técnicas do Yoga pedagógico, pretende-se examinar estudos e experiências pedagógicas que relacionem Yoga e Educação, bem como apontar algumas técnicas do Yoga pedagógico.

ELEMENTOS DO MAPA INTEGRAL

A “abordagem integral” é também chamada de Sistema Operacional Integral (SOI), ou simplesmente “mapa integral”. Trata-se de um mapa de tudo, uma teoria de tudo: um mapa que nos permite compreender e fazer sentido não só de nós, das nossas intenções e do nosso comportamento, mas também dos outros, do que partilhamos com eles e dos sistemas em que todos nos inserimos⁹. Muitas vezes a teoria integral é conhecida também como AQAL, o que é uma abreviatura de "all quadrants, all levels, all lines, all states, all types", os cinco fatores chave aos quais o autor se refere.

Esse mapa é composto, como citado, por cinco elementos essenciais, que na verdade são aspectos da nossa própria experiência: Quadrantes, Linhas, Níveis, Estados e Tipos.

Os Quadrantes são compostos por dois eixos, um vertical, que separa didaticamente as atividades humanas em individuais (acima) e coletivas (abaixo); e outro horizontal, que separa as mesmas atividades em interior (esquerda) e exterior (direita). Desse modo, compõem-se os quatro quadrantes da realidade: UL (“upper left”, superior esquerdo, interior individual), UR (“upper right”, superior direito, exterior individual), LL (“lower left”, inferior esquerdo, interior coletivo) e LR (“lower right”, inferior direito, exterior coletivo). Em UL estão representadas experiências individuais, realidades subjetivas, interpretativas, composta por nossas crenças individuais: exame da veracidade dos fatos. Origina a compreensão o “self e a consciência”. Em UR estão representados nossos comportamentos, realidade objetiva, empírica, alimentada pelas pesquisas científicas: exame da verdade. Origina a compreensão do “cérebro e organismo”. Em LL estão expressas as culturas, realidade intersubjetiva, histórica, enredada antropologicamente: exame da justiça / equidade. Origina a compreensão da “cultura e visão de mundo”. Em LR estão organizados os sistemas, realidade interobjetiva, sociológica, manifesta nas relações sociais: exame do sistema operacional adequado. Origina a compreensão do “sistema social e meio ambiente”.

As Linhas são diferentes caminhos de aprimoramento. Elas tetra-emergem, isso quer dizer que cada Linha possui uma expressão em cada Quadrante. Se pegarmos as

8 http://pt.wikipedia.org/wiki/Revis%C3%A3o_bibliogr%C3%A1fica (Acessado em 16/03/2013).

9 <http://e-literato.blogspot.com.br/2012/02/havera-uma-teoria-de-tudo-ha-quem.html> (Post de Vasco Gaspar, 2012, acessado em 15/01/2013).

Linhas que emergem no Quadrante UL - Interior Individual -, então teremos as Linhas de desenvolvimento pessoal, que nos interessam nessa pesquisa. As diversas Linhas se baseiam nos trabalhos de autores que se debruçaram sobre como funciona o desenvolvimento humano: emocional (Daniel Goleman), cognitivo (Jean Piaget), necessidades (Abraham Maslow), moral (Lawrence Kohlberg), interpessoal (Robert Perry), auto-identidade (Jane Loevinger), valores (Claire Graves), espiritual (James Fowler), estético (Abigail Housen). Todos possuímos todas as Linhas, entretanto, como nos bem explica Howard Gardner, através do entendimento de sua teoria das múltiplas inteligências, poderemos estar em diferentes Níveis de desenvolvimento em cada uma, manifestando-se, dessa forma, nossos pontos fortes (talentos) e nossos pontos fracos (aspectos a melhorar).

Os Níveis, como acabamos de ver, estão ligados às Linhas: eles correspondem ao grau de aprimoramento em cada Linha. Ken Wilber refere-se aos Níveis também como Altitudes. Os Níveis ou Altitudes são expressos no esquema anterior através de cores, que vão das cores de baixa frequência (infravermelho) às cores de alta frequência (ultravioleta).

Os Estados são relacionados à nossa própria consciência, sendo experimentados em primeira pessoa. Eles descrevem aquilo que conseguimos perceber da realidade num determinado momento e são temporários, ao contrário dos Níveis, que são perenes. Exemplos de Estados de consciência: de vigília, de sonho, de sono profundo, estados meditativos e experiências de pico.

Os Tipos são nossas diferenças horizontais, diferentes estilos. Eles estão disponíveis independentemente dos Níveis ou Estados de consciência. São exemplos de Tipos: masculino e feminino, diferenças culturais, tipos de personalidade (eneagrama, por exemplo), sistemas representacionais predominantes, biotipo, entre outros.

Como vimos, Ken Wilber identifica diversos elementos que integram o desenvolvimento humano: quatro Quadrantes (eu, isto, nós, istos); diversas Linhas de desenvolvimento (política, estética, criatividade, cognitivo, relacional, emocional, empatia, espiritual, contemplativo, moral, cinestésico, sexualidade, etc.); vários Níveis (cores, ou altitudes de desenvolvimento); quatro Estados de consciência (grosso, sutil, causal e não dual) e dois Tipos (masculino e feminino).

Alguém poderia argumentar que a função da EDF nesse esquema de desenvolvimento humano é o desenvolvimento da Linha cinestésica tão somente, entretanto, isso seria limitar o conhecimento da EDF e negar a existência da possibilidade da transdisciplinaridade entre todos os campos de conhecimento. Epistemologicamente, todo o conhecimento está indexado no mapa integral e por isso parece-me um grande método de trabalho pedagógico. Em verdade, para uma prática transdisciplinar do conhecimento em qualquer instituição de ensino, basta que todos os campos do conhecimento busquem se integrar uns com os outros, sempre buscando contemplar mais elementos do desenvolvimento humano. É claro que isso não é fácil, mas com a vontade de uma equipe pedagógica centrada nessa perspectiva educacional, isso é possível e desejável.

DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Diversos autores já se debruçaram sobre a temática do desenvolvimento infantil. Cabe agora esclarecer que, o objetivo aqui é fazer uma revisão bibliográfica que nos permita apontar quais são as capacidades latentes (as de maior potencial de desenvolvimento) da idade alvo (4 a 8 anos) das crianças. Tais referências estão exibidas abaixo:

Quadro 1 - Comparativo de Teorias de Desenvolvimento Infantil

COMPARATIVO DE TEORIAS DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL ¹⁰					
Autor	PIAGET	VYGOTSKY	WALLON	AJURIAGUERRA	WILBER
Período	1896-1980	1897-1934	1879-1962	1911-1993	1949-?
Palavras-Chave	Construção do conhecimento	Interação social	Afetividade	Criança é o seu corpo	Mapa Integral
Eixos da Teoria Principais Conceitos	Assimilação / Acomodação Esquema / Equilíbrio Estágios de desenvolvimento	Mediação simbólica: instrumentos e signos Zona de desenvolvimento proximal	Movimento : expressão / instrumento Emoções: afetividade Inteligência : sincrética e categorial Construção do eu: imitação / negação	Somatognosia: tomada de consciência do corpo	Quadrantes, Linhas, Níveis, Estados e Tipos.
Relação do indivíduo com o mundo	Adaptação (conhecimentos prévios)	Da parte para o todo: Processo de socialização (relação com o mundo)	Do todo para a parte: Processo de individualização ("constituir-se" indivíduo)	A partir da consciência corporal Componentes da somatognosia: social, cinestésica, visual, vestibular, tátil e libidinal	Prática da Vida Integral
Papel do professor / escola	"Desequilibrar" os esquemas dos alunos a partir de seus conhecimentos prévios	"Intervir" na ZDP, ou seja, na distância daquilo que o aluno já domina e o que faz com ajuda	Considerar : História do aluno (passado), demandas atuais (presente) e perspectivas (futuro)	Favorecer a somatognosia a partir do estímulo aos seus componentes	Praticar os elementos do Mapa Integral através de sua prática pedagógica
Perfil do aluno	Participante do processo de construção do conhecimento, co-autor, ativo, questionador. O aluno precisa ajudar o professor a ensinar.				

10 <http://walkiriaroque.wordpress.com/2010/11/20/piaget-vygotsky-e-wallon-tripe-teorico-da-educacao-2/> (modelo adaptado de Walkiria Roque, 2010, acessado em 26/01/2013).

Nessa pesquisa, serão consideradas, obviamente, todas as referências expostas no Quadro 1, especialmente a de Wilber. Isso pois seu modelo, além de um modelo de desenvolvimento infantil e humano é um mapa de navegação da realidade. Observando-se o Quadro 1 é possível perceber que todos os autores, exceto Ken Wilber, se debruçaram especificamente sobre o campo do conhecimento do desenvolvimento infantil. Ele, diferentemente dos outros, nos fornece um modelo mais abrangente. Seu Mapa Integral é mais do que a explicação de como um ser humano vai tornando-se mais complexo e holístico de acordo com suas experiências (se desenvolvendo). Seu SOI é um sistema operacional completo que transborda a concepção dos outros autores expostos.

Prova disso são as Linhas de desenvolvimento, um dos elementos de seu SOI. Elas surgiram ao longo da história da humanidade a partir da contribuição de diversos estudiosos sobre o desenvolvimento humano. Cada autor, ao focar seu estudo em determinado aspecto humano, compôs uma Linha de desenvolvimento. No Quadro 2, pode-se observar o que está latente no desenvolvimento humano das crianças com idade alvo do presente estudo através da exposição de diversas Linhas de desenvolvimento, e ainda, contemplar o próximo Nível de desenvolvimento em cada Linha, para que exista uma contribuição nesse sentido.

Quadro 2 - Linhas de Desenvolvimento – Idade Alvo 4 e 8 Anos

LINHAS DE DESENVOLVIMENTO – IDADE ALVO 4 e 8 ANOS					
COGNITIVO	MOTOR	MORAL	RELACIONAL	SELF	SEXUAL
PIAGET	GALLAHUE	KOHLBERG	ERIKSON	WILBER	FREUD
Pré-Operacional / 2 a 7 anos Inteligência Intuitiva	Fase Motora Fundamental / Estágio Elementar e Maduro	Moralidade pré-convencional (egocêntrico) / Estágio 1 e 2	Estágio psicossocial da Iniciativa X Culpa e Produtividade X Inferioridade	Primeira Camada (Pré-pessoal, egocêntrico) / Nível 3 e 4	Estágio Fálico e Latência
Uso de símbolos, palavras, números para representar aspectos do mundo. Relaciona-se apenas por meio de sua perspectiva individual. O mundo é fruto da percepção imediata.	Estágio Elementar: 4 a 5 anos Maior controle e melhor coordenação rítmica dos movimentos fundamentais Estágio Maduro: 6 a 7 anos Desempenhos mecanicamente eficientes, coordenados e controlados	Estágio 1 O que é justo: Obedecer, evitar a punição (ou os danos físicos e materiais) Estágio 2 O que é justo: Obedecer às regras que servem o interesse próprio. Nas partilhas o justo é o que é igual	Inic. X Cpa: 3 a 6 anos Desafio: desenvolver disposição a novas experiências, lidar com o fracasso Prod. X Infer.: 6 anos à adolescência Desafio: adquirir habilidades básicas, trabalhar com os outros	Nível 3: 3 a 6 anos Pessoa impulsiva, idade mítico-precoc “Segue o que sente” Nível 4: 7 a 8 anos Pessoa conformista, idade mítico-evoluída “A vida possui um sentido”	Fálico: 3 a 6 anos Genitais (masturbação) Latência: 6 a 12 anos Não há organização de nova zona erógena

O YOGA

A origem do Yoga é controversa e imprecisa. Muitas descobertas realizadas na última década do século XX e início do século XXI, em áreas como arqueologia e história, “demonstram com clareza que o Yoga, na condição de um conjunto informal de metodologias e doutrinas, já existia no período do Rig-Veda, portanto anterior ao ano de 4.000 a.C.¹¹”

O que existe de certeza com relação à origem do yoga é que ele surgiu junto com a civilização Indus Saraswati, na região do Vale do Indo – atualmente Paquistão -, a noroeste da Índia (DE ROSE, 2004, p. 30).

Essa civilização era de origem drávida. “Tanto o Yoga, quanto o Tantra e o Samkhya foram desenvolvidos por esse povo admirável” (Ibidem).

Essa civilização é considerada historicamente como a mais antiga e grandiosa da antiguidade. A engenharia revelada pelas escavações dos sítios arqueológicos onde se situam as cidades de Harappá e Mohenjo-Daro deixaram os arqueólogos impressionados.

“As casas possuíam instalações sanitárias dentro de casa e água corrente! Não se esqueça que estamos falando de uma civilização que floresceu 3.000 a.C.” (Ibidem).

Até a década de 80, nos conta texto de Alexandre dos Santos, existia uma tendência em acreditar que os arianos invadiram o território dravídico por volta de 1.500 a.C.. Entretanto, evidências arqueológicas obtidas nos últimos anos, apontam para uma convivência pacífica entre os dois povos.

A pergunta que é feita por aqueles que questionam o modelo da Invasão Ariana, é como a civilização Indus-Sarasvati, que teve um progresso tecnológico tão grande não deixou nenhum relato oral ou escrito? E os Arianos que foram descritos como nômades destruidores que teriam alcançado a Índia com cavalos, escreveram os Vedas, as Upanishads, os Puranas e toda a vasta literatura da história da Índia antiga, onde o Yoga é mencionado? Tudo leva a crer que tanto os Indo-Europeus quanto os Dravidianos, coexistiram pacificamente. (DOS SANTOS, [s.d.]

De Rose, adepto do modelo da Invasão Ariana, estabelece algumas diferenças entre as duas civilizações que corroboram a teoria que segue: os drávidas eram de tradição tântrica (matriarcal) e sámkhya (naturalista), enquanto que os arianos eram de tradição brahmácharya (patriarcal) e guerreira.

“O Yôga dos drávidas era matriarcal, sensorial e desrepressor (tântrico). A nova interpretação arianizada era patriarcal, anti-sensorial, e repressora (brahmácharya)” (DE ROSE, 2004, p. 32).

Desse modo, esse autor divide o Yôga em Antigo e Moderno, conforme Quadro 3 – Cronologia Histórica do Yôga.

11 <http://www.abpy.org.br/a-origem-do-yoga.html> (Post de Alexandre dos Santos, [s.d.], acessado em 27/01/2013).

CRONOLOGIA HISTÓRICA DO YÔGA					
Divisão	YÔGA ANTIGO		YÔGA MODERNO		
Tendência	Sámkhya		Vedanta		
Período	Yoga Pré-Clássico	Yôga Clássico	Yôga Medieval		Yôga Contemporâneo
Época	Mais de 5.000 a.C.	Séc. III a.C.	Séc. VIII d.C.	Séc. XI d.C.	Séc. XX
Mestre	Shiva	Pátañjali	Shankara	Gôrakshanatha	Aurobindo
Literatura	Upanishad	Yôga Sûtra	Vivêka Chudamani	Hatha Yôga	Rámakrishna
					Vivêkánanda
					Shivánanda
					Chidánanda
					Krishnánanda
					Yôgêndra
Fase	Proto-Histórica	Histórica			
Fonte	Shruti	Smriti			
Povo	Drávida	Árya			
Linha	Tantra	Brahmacharya			

As linhagens de Yoga são muitas. Não necessariamente contraditórias, as linhagens se constituem em diferentes caminhos para se atingir o mesmo objetivo: o estado de hiperconsciência conhecido como samádhi. Os budistas chamam esse mesmo estado de nirvana. Algumas linhas de ioga são: [Ashtanga Vinyasa Yoga](#), [Bhakti Yoga](#), [Hatha Yoga](#), [Iyengar Yoga](#), [Jñana Yoga](#), [Karma Yoga](#), [Kriya Yoga](#), [Raja Yoga](#), [Raja Vidya Yoga](#), [Siddha Yoga](#), [Tantra Yoga](#), [Kundalini Yoga](#), Prakriti Yoga, Swasthya Yoga, entre outras. Como podemos perceber pelos próprios nomes, cada linhagem enfatiza um determinado elemento do Yoga. Mas quais são esses elementos?

O yoga é tradicionalmente entendido como uma prática de oito partes (ashtanga sadhaná). Coincidência ou não, o budismo é uma tradição que se baseia em oito verdades (Nobre Caminho Óctuplo) considerada a verdade nobre que produz o caminho para o fim do sofrimento¹². Como os elementos do yoga são mais do que apenas oito partes, cada linhagem acaba por combinar diferentes elementos para compor seu sadhaná (sua prática).

O ashtanga sadhaná do Yoga Antigo, na linhagem do Swasthya Yoga, sistematizado pelo mestre brasileiro De Rose, constitui-se dos seguintes elementos: mudrá (gestos reflexiológicos), pujá (reverência, agradecimento), mantra (vocalização), pranayama

¹² http://pt.wikipedia.org/wiki/Budismo#O_Nobre_Caminho_.C3.93ctuplo (Acessado em 28/01/2013).

(exercícios respiratórios), kriya (purificação das mucosas), ásana (posturas corporais), yôganidrá (relaxamento induzido, descontração), samyama (concentração, meditação e samádhi ao mesmo tempo) (2004, p. 78). Já o ashtanga sadhaná do Yoga Clássico, na descrição do Yoga Sutras, compilado pelo mestre indiano Patanjáli, constitui-se de outros elementos: yama (restrições), niyama (observações), ásana, pranayama, pratyáhára (abstração dos sentidos), dháraná (concentração), dhyána (meditação) e samádhi (hiperconsciência). No método do Swasthya Yoga as quatro últimas partes do Yoga Clássico estão agrupadas na prática de samyama.

YOGA E EDUCAÇÃO

Na educação o Yoga vem sendo cada vez mais aplicado e estudado. É interessante notar o aumento da produção acadêmica relacionada com o Yoga na primeira década do século XXI. Em busca realizada através do site Google Academics¹³, com os termos “Yoga e educação”, sem aspas, com o recorte do ano de 1960 (período que o Yoga começou a chegar no Ocidente, na época da contracultura norte-americana) até 1990, foram encontradas apenas 53 pesquisas. Do ano de 1991 até 2000 foram encontradas 148 pesquisas. Do ano de 2001 até 2010 foram encontradas impressionantes 1710 pesquisas. E, finalmente, do ano de 2011 até 2013 foram encontradas 789 pesquisas (num intervalo de 2 anos!). Isso demonstra como as pesquisas envolvendo a temática proposta estão fervilhando no cenário educacional.

Alguns estudos que consideram a aplicação do Yoga na Educação se justificam pela “consciência corporal”¹⁴. Diversas nomenclaturas diferentes já foram criadas por psicólogos, neurologistas, psiquiatras e filósofos para definir “consciência corporal”. “Os livros que tratam do assunto, trazem uma gama de terminologias, como: imagem espacial do corpo, somatognosia, esquema corporal, imagem corporal, esquema postural, entre outros.” (MELO, 1994, p. 8). Como não existe consenso sobre a terminologia, julguei melhor recorrer ao dicionário. No Houaiss (2001, p. 103), “consciência” é: “estágio da vida mental percebido pelo indivíduo, conhecimento, discernimento, estado de quem pode responder por seus atos, autoconhecimento consciencioso.” Corporal ou corpóreo significa: “próprio do corpo físico, material - corporalidade”. (*Ibid*, p. 112). Então, “consciência corporal” seria o “conhecimento do próprio corpo”.

Quanto ao papel que ela exerce no desenvolvimento integral da criança, destaca-se que o processo de aprimoramento da consciência corporal, através dos estímulos adequados, é fundamento sem o qual é impossível o recém-nascido desenvolver-se através dos Níveis de desenvolvimento. Prova disso se dá quando observamos que a gênese da consciência corporal se dá através de “condutas inatas” (recém-nascidos) e se desenvolve através da “organização tônico-emocional” (6 meses), “integração sensório-motora” (12 meses), “equilíbrio” (18 meses), “locomoção” (24 meses), “suspensão”, “preensão” (2 e 3 anos), “noção do corpo”, “lateralização”, “orientação-espacial e temporal” (3 e 4 anos), para somente aí, depois que todos esses Níveis já foram obtidos, iniciar as “aquisições auditivo-simbólico-verbais” (4 e 5 anos), “aquisições visuo-simbólico-motoras” (6 a 8 anos), chegando às “aquisições cognitivas” (a partir dos 8 anos)¹⁵ e prosseguindo para outros Níveis além.

É importante frisar que aqui consideram-se esses modelos apenas como divisões didáticas observadas pelos autores que os formularam. Na prática, o que acontece mais comumente, é que muitas crianças chegam à idade alvo de um determinado Nível de

13 <http://scholar.google.com.br> (Acessado em 28/01/2013).

14 Conforme Varjão (2012), Marinero & Santos (2009) e Slaviero (2004).

15 Conforme modelo exposto por FONSECA & MENDES (1987, p. 310).

desenvolvimento sem estar no nível esperado. Então a prática pedagógica visando aprimorar o desenvolvimento corporal das crianças de 4 a 8 anos ainda é válida e importante, pois assentará, entre as crianças da pré-escola, um território de conhecimento básico (consciência corporal) para erigir os novos pilares do saber. Além disso, vivemos atualmente uma realidade em que as crianças não vivem em espaços amplos que lhes permitem desenvolver sua cinestesia e motricidade. Em verdade, ficam trancadas dentro de casa jogando games ou mexendo no computador.

Isso é extremamente maléfico para o desenvolvimento infantil. Piaget coloca que “todos os mecanismos cognitivos assentam na motricidade, tanto mais que esta é o meio (e instrumento) facilitador de todas as formas de expressão verbal e não verbal” (FONSECA & MENDES, 1987, p. 58). Pode-se concluir, desse modo, que a função sensorio-motora, correspondente ao primeiro período de desenvolvimento humano, bem como suas conseqüentes estruturas perceptivas “constituem a propedêutica indispensável à formação intelectual propriamente dita” (Idem, p. 59).

Para LE BOULCH (1986), na idade pré-escolar, a prioridade é a atividade motora global, onde a atividade lúdica permita à criança prosseguir a organização de sua imagem do corpo ao nível do vivido. Propondo “... o desenvolvimento da consciência corporal, a partir de atividades de controle tônico e consolidação da dominância lateral, do ritmo, descoberta e tomada de consciência das partes do corpo, da orientação espacial, entre outros aspectos, psicocinética.”. denominando seu trabalho de abordagem (MELO, 1994, p. 14).

Para Melo (1997a), a consciência corporal emerge como nível mais complexo e mais refinado na organização da noção do corpo. Segundo o autor, a consciência corporal é o meio mais refinado de se fazer a interação do ser humano. Nesse sentido, Bertherat afirma:

Nosso corpo somos nós. É a nossa única realidade perceptível. Não opõe à nossa inteligência, sentimento, alma. Ele inclui e dá-lhe abrigo. Por isso, tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro... pois, corpo, espírito, psíquico e físico e até a força e fraqueza, representam não a dualidade do ser mais sua unidade. (*apud* MELO 1997a, p. 19).

Os benefícios do Yoga na Educação não ficam apenas no despertar da consciência corporal. São inúmeros e, dentre os principais, pode-se citar¹⁶:

- sensação de tranquilidade;
- melhor disposição física e mental;
- bem-estar, relaxamento, aquietação da mente;
- paz interior, diminuição da ansiedade;
- boa postura;
- aprendizagem prazerosa;
- estímulo da imaginação e criatividade;
- melhoria na respiração;
- integração com a turma;
- a prática une as pessoas, harmonizando a turma de estudo;
- reduz o estresse e propicia alegria;
- criação de um ambiente propício para o trabalho em conjunto;
- procura o aperfeiçoamento integral dos alunos.

Como exposto no início do texto, pretende-se formar um ser-humano que seja capaz de cocriar a realidade e vibrar seu “self” conforme o foco da sua consciência, então

16 Conforme Vecino, Etges & Chaves (2010).

nada melhor do que o conhecimento do corpo através da filosofia e a prática do Yoga. Explica-se: o objetivo central do Yoga é a União com o todo, integração de corpo, mente e espírito, da energia densa, sutil e astral. Possui exercícios de abstração dos sentidos (pratyáhára), de concentração (dháraná) e meditação (dhyána) para se atingir o estado da consciência em que a União com o todo foi atingida. Esse estado é conhecido como hiperconsciência (samádhi).

A consciência capaz de vibrar nesse estado será capaz de cocriar a realidade, adquirindo um impacto profundo e elevado na vida humana. Conhecendo o próprio corpo, será possível conhecer o micro e o macro cosmos, pois, como revela o princípio hologramático, exposto por Edgar Morin: o todo está na parte e a parte está no todo (2003, p. 34).

O YOGA NA EDUCAÇÃO CORPORAL

Para estruturar uma prática pedagógica do Yoga dentro do espaço/tempo das aulas de EDF, de modo a favorecer o desenvolvimento integral do ser-humano, uma das opções é o método RYE. Esse método baseia-se na prática exposta por Patanjáli, pois seu ashtanga sadhaná deu origem ao método RYE – Pesquisa de Yoga na Educação. Micheline Flak, pesquisadora do Centro de Formação Docente no Centro de Ciências da Educação da Universidade da Sorbonne em Paris e criadora do método, foi quem realizou, em 1973, as primeiras experiências pedagógicas de aplicação de exercícios de Yoga numa sala de aula, visando aprimorar o bem-estar e o rendimento escolar das crianças. Esse método envolve um caminho de seis partes:

1. Viver juntos

Atividades de convivência que ajudem as crianças a sentir a sensação de pertencimento ao grupo. Aqui podem ser trabalhados valores humanos e os yamas e nyamas.

2. Eliminar as toxinas e os pensamentos negativos

Trata-se de “limpar a casa”, permitindo que a energia vital do corpo possa fluir livremente, com exercícios de limpeza das mucosas respiratórias e digestivas. Podem ser usados exercícios de kriyás.

3. Colocar-se numa boa postura

São as posturas, os ásanas, a parte mais famosa do Yoga. Podem ser trabalhadas através de estórias, contos, narrativas, fábulas, provérbios, etc.

4. Respirar bem para manter a calma

São os exercícios respiratórios para tomada de consciência da respiração baixa, média e alta. Podem ajudar para acalmar uma mente inquieta, como também para vitalizar o corpo inteiro. Podem ser trabalhados os pranayamas.

5. Saber relaxar para manter um bom nível de energia

“Tal como as fotos são reveladas em uma câmara escura, as informações são gravadas na massa cerebral através do descanso, por isso a pausa é tão importante na aprendizagem” (VECINO, ETGES & CHAVES, 2010, p. 67). Pode ser trabalhado as práticas de visualizações criativas e abstração dos sentidos.

6. Como o raio laser, concentrar suas forças.

Desenvolver a capacidade de prestar atenção, focar em determinado aspecto da realidade. É sabido que as crianças e até mesmo os adultos possuem pequena quantidade de concentração. Muitas vezes os professores brigam com as crianças que não prestam atenção, mas o importante é ensinar técnicas que favoreçam essa habilidade.

Pode-se adotar, também, atividades permanentes, como as canções e métodos do Círculo do Amor, proposto por Susan Andrews (Neo-humanismo) e os comandos quânticos, que é um método de programação neurolinguística para fazer o cérebro operar numa determinada frequência desejada.

Na temática específica do “Yoga e consciência corporal”, é importante destacar atividades que permitam o centramento do corpo, afinando nosso instrumento de percepção da realidade. Os exercícios de “calibração” e de reconhecimento dos “sistemas representacionais” (visual, auditivo e cinestésico) são de extrema importância para aprimoramento da consciência corporal. São exercícios que visam sensibilizar e compreender melhor nosso próprio corpo, de modo a identificar a frequência na qual estamos operando e otimizar o aprendizado através dos canais de percepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro de Vítor da Fonseca e Nelson Mendes, sobre perspectivas psicomotoras de desenvolvimento humano, os autores questionam a existência de crianças com problemas de aprendizagem: “Crianças burras? (...) ou simplesmente crianças que foram privadas de “qualquer coisa” (algo de essencial) para a formação e crescimento a que tinham direito?” (FONSECA & MENDES, 1987, p. 11). Eles situam a discussão na matéria jurídica, invocando a perspectiva do ser jurídico, o ser moral, político, pois situam a discussão através do termo “direito”. Mantendo a discussão nesse nível, é fácil perceber o que seria uma educação de qualidade e que cumpra sua função social: uma educação que cumpra o que está na lei. Desse modo, é importante a reforma da letra da lei no que tange a “Lei de Diretrizes e Bases” (Lei 9394/96), que vincula, em seu 2º artigo, a educação escolar à formação para o trabalho e à prática social. Entretanto, isso já seria matéria de um outro estudo. Focando nesse estudo, é importante ressaltar, o entendimento de que a melhor forma de fazer a educação cumprir a sua função social (desenvolvendo ao máximo as potencialidades de cada ser-humano) é através da oferta de estímulos que sejam coerentes com as capacidades potenciais específicas para cada idade. Desse modo, o entendimento do que é essa “qualquer coisa (algo de essencial)” a que se referem os autores citados é um outro nível de discussão, no qual estamos focando o essencial para o desenvolvimento humano pleno e não simplesmente o que está previsto em lei.

É importante frisar que as crianças precisam ser mais bem compreendidas no âmbito pedagógico. Taxações, rotulações, preconceitos são coisas que as crianças vivenciam todos os dias, principalmente nas mãos de professores e funcionários escolares. A criança está a todo o momento em julgamento de caráter pelos adultos que a olham, cuidam e educam. Quais valores estão envolvidos nesse processo de julgamento? Estamos conscientes deles? Que tipo de valores e conhecimentos estamos ofertando para nossos alunos? Qual nosso exemplo? Questões como essas deveriam ser colocadas diariamente por todos os profissionais envolvidos com educação. O processo educacional é, acima de tudo, uma relação social de aprender, ensinar e aprender, e

sendo uma relação social, deve ser balizada a partir de valores que ajudem na convivência pacífica, harmoniosa e cooperativa da turma. O processo educacional deveria ser, para todos profissionais da educação e, porque não, para todos os seres humanos - pois a educação vive-se diariamente, viva nos espaços informais e rodas de boteco -, como um exercício de autoconhecimento eterno para tornarmos aquilo que verdadeiramente somos; um eterno aprender, ensinar e aprender.

É fundamental a implementação de uma proposta transdisciplinar. Ao dar conta dos três pilares básicos da transdisciplinaridade, o Mapa Integral e o Yoga tornam-se grandes instrumentos para se trabalhar e compreender o ser-humano em sua totalidade. É claro que muita coisa ainda precisa ser revista dentro da educação, entretanto, espera-se que a fundamentação aqui proposta inspire educadores e educadoras de todo o mundo, nessa labuta diária de transmissão dos mapas que estimulam a perpetuação da vida no nosso planeta, de modo sustentável, pacífico, cooperativo e justo.

As crianças precisam ser compreendidas de maneira integral, ou seja, abarcando todos os níveis de consciência, inclusive os níveis espirituais. Ainda existe muito preconceito com relação às experiências pedagógicas que entendem o ser humano como um ser espiritual e mesmo matérias que deveriam esclarecer questões existenciais, como ensino religioso ou filosofia, muitas vezes não são suficientes para despertar esse entendimento nas crianças e adolescentes, transformando esse sujeito num adulto existencialmente perdido, sem saber seu papel no mundo, desiludido e vítima do niilismo; muitas vezes com problemas físicos que são somatizações de problemas mentais que são mentalizações de problemas espirituais. O avanço da medicina integral e de uma maior aceitação e resultado de métodos alternativos de tratamento de saúde (terapias holísticas, medicina oriental, cromoterapia, florais, etc) são provas de que cada vez mais recursos são necessários para dar conta do desequilíbrio que a formação dos sujeitos na nossa sociedade está submetida. Desse modo, toda criança deveria ter direito a uma educação que seja efetivamente integral, que a entenda como um ser humano com dimensão espiritual, mental e corporal, que lhe garanta os mais diversos estímulos, tentando sempre perceber todos os Quadrantes, Linhas, Níveis, Estados e Tipos que esse ser está vivendo em sua realidade. E sempre lembrar: conhecer o outro para se autoconhecer. A beleza da educação está nisso.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, I. B. **O prazer da produção científica**. 4^o edição. Piracicaba/SP: UNIMEP, 1996.

BIAGGIO, A. M. B. **Lawrence Kohlberg: ética e educação moral**. 2^a edição. São Paulo: Moderna, 2006.

BOFF, L. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Brasília: Letraviva, 2000.

CAPRA, F. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2001.

CORREIA, M. **Trabalhando com jogos cooperativos**: em busca de novos paradigmas na educação física. 4^o ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

DANUCALOV, M. A. D. **Neurofisiologia da Meditação**: investigações científicas no Yoga e nas experiências místico-religiosas a união entre a ciência e espiritualidade. São Paulo: Ed. Phorte, 2009.

DEA, W. (org.) **Igniting Brilliance**: Integral Education for the 21st Century. Tucson, AZ, EUA: Integral Publishers, 2011.

DELORS ET AL. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução: José Carlos Eufrazio. Brasília/São Paulo: UNESCO/Ed. ASA/Cortez: 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FONSECA, V. & MENDES, N. **Escola, escola, quem és tu?** Perspectivas psicomotoras do desenvolvimento humano. Lisboa: Editorial Notícias, 1987.

HOUAISS, A.; Villar, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor**: do nascimento aos 6 anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MARQUES, M. G. "Consciência Corporal: o que é?" In: REVISTA ENSAIO GERAL. Belém: v.1, nº 1, 2009.

MELO, J. P. **Desenvolvimento da consciência corporal: uma experiência da educação física na idade pré-escolar**. São Paulo. Ed. da UNICAMP, 1994.

MORIN, E.; CIURANA, E. R. & MOTTA, R. D. **Educar na Era Planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Tradução: Sandra T. Valenzuela. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

NICOLESCU, B. **O manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

NICOLESCU, B. **Reforma da Educação e do Pensamento**: Complexidade e Transdisciplinaridade. Tradução de Paulo dos Santos Ferreira. 2005.

Disponível

em:

[\[http://www.mat.feis.unesp.br/pos/aulas/adauto_nunes_cunha/Lupasco-Reforma_da_educacao_e_do_pensamento.pdf\]](http://www.mat.feis.unesp.br/pos/aulas/adauto_nunes_cunha/Lupasco-Reforma_da_educacao_e_do_pensamento.pdf)

ROHDEN, H. **Educação do Homem Integral**. São Paulo: Martin Claret, 1998.

RUSSEL, P. **O buraco branco no tempo**. Brasília: Ema Vídeo. Videocassete (27min): VHS, son., color, 1992.

SANTOS, B. S. "O norte, o sul e a utopia". In: SANTOS, B. S. **Pelas mãos de Alice: o**

social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, pp. 281-348, 2001.

SARASWATI, S. S. **Yoga education for children.** India: Yoga Publications Trust, 2007.

SILVA, E. L. & MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3ª edição. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

Disponível em:
[<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>]

SLAVIERO, V. L. **De Bem com a Vida na Escola.** São Paulo: Ed. Ground, 2004.

VECINO, D., ETGES, S. & CHAVES, A. Técnicas de Yoga para a sala de aula, fundamentos e aplicações. In: **Cultura e educação na escola de tempo integral: formação de educadores: cadernos.** Org.: Ilana Laterman, p. 66-78.

WEILL, P. **Holística: Uma Nova Visão e Abordagem do Real.** São Paulo: Palas Athenas, 1990.

Disponível em:
[<http://www.pierreweil.pro.br/Livros/Portugues/on%20line/Holistica%20-%20Uma%20Nova%20Visao%20e%20Abordagem%20do%20Real.pdf>]

WILBER, K. **A visão integral: uma introdução à revolucionária Abordagem Integral da Vida, de Deus, do universo e de tudo mais.** Tradução: Carmen Fischer. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

ZOHAR, D. & MARSHALL, I. N. **O ser quântico: uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência baseada na nova física.** Tradução: Maria Antônia van Acker. Editora Best Seller, 1990.

Trabalho apresentado dia 13 de Abril de 2013, no Curso de Pós-Graduação em Yoga Pedagógico e Neuroaprendizagem, pela Faculdade São Braz, Curitiba, Paraná; pelo aluno Thiago Felipe Sebben.

Orientador: Prof. Esp. John Rafael de Castro Neves.